

# O Fim da Matéria e a Re-significação da Physis

Alfredo de Oliveira Moraes\*

---

**Resumo:** O autor pretende retomar a Filosofia da Natureza de Hegel e à luz das contribuições da ciência atual, notadamente da física, repropor a necessidade de uma leitura do texto hegeliano desde a perspectiva de uma Metafísica de base não-material, suas implicações e desdobramentos.

**Palavras-chave:** metafísica de base não-material, physis, logos.

**Abstract:** The author intends to resume Hegel's philosophy of nature in the light of the contributions of actual science, especially of physics, and to offer a new reading of the hegelian text, its consequences and implications, from the perspective of a metaphysics founded on a non-material basis.

**Key-words:** metaphysics on a non-material basis, physis, logos.

---

“La nature et l’histoire sont la manifestation de l’absolu dans l’espace et dans le temps, mais cet Absolu se pense lui-même comme Logos; il se sait lui-même; ce Logos n’est pas un entendement divin qui existerait ailleurs dans un autre monde, il est dans la réalité humaine la lumière de l’Être.”

Jean Hyppolite.  
(1990, p.232)

A *Filosofia da Natureza* de Hegel foi a mais grata surpresa que tivemos nos anos de pesquisa de tese doutoral, não porque houvesse em nós qualquer pretensão a subestimar Hegel nesse âmbito particular de seu sistema, mas sim porque havia uma certa unanimidade entre os doutos quanto à sua superação; era no dizer de muitos o ponto obsoleto do pensamento de Hegel. Com efeito, após seu estudo atento pudemos constatar que a compreensão efetiva desse texto e sua relevância somente podiam ser apreendidas numa leitura que tivesse como base uma metafísica de fundamento não-material. E, simultaneamente, veio-nos à mente Nelson Rodrigues que num de seus romances disse: *toda unanimidade é burra*.

---

\*Doutor em Filosofia, Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [alfredo.moraes@terra.com.br](mailto:alfredo.moraes@terra.com.br).

Durante um longo tempo a *Filosofia da Natureza* de G. W. F. Hegel pareceu nada mais ter a contribuir para a reflexão filosófica sobre a Natureza até que a primeira indicação de que ela tinha ainda muito a oferecer nos veio da Física, quando David Bohm tomando para si a Ciência da Lógica de Hegel escreveu sob seu impacto *Causality and Chance in Modern Physics*, pois, sabe-se que a *Lógica* encontra-se supressumida na *Filosofia da Natureza*, na qual as suas determinações ganham efetividade e têm aí o seu desdobramento.

Na última década do século passado, novas utopias negativas construídas no estofado das descobertas e avanços da ciência evidenciaram a necessidade de reconstrução da Metafísica e, paradoxalmente, nós filósofos e filósofas deixamos nas mãos dos físicos essa tarefa tão grandiosa quanto urgente, mesmo sabendo que eles não estavam preparados para tal desafio. Os físicos já estão fartos de afirmar que a matéria do seu saber são conceitos, nem nos laboratórios nem nas dimensões macro-universais eles dispõem de matéria no antigo sentido estrito do termo;  $E=mc^2$  essa equação de Einstein nos desafia a encontrar uma nova base de compreensão do “mundo material” - atualmente mais adequadamente denominado de universo visível - e a idéia cibernética de sistema aberto cria nos físicos a necessidade de apreensão dialética dos domínios da física quântica.

Como responderemos, nós filósofos e filósofas, a esse desafio? Esse é o vórtice a partir do qual gostaria de apresentar elementos, conceitos e categorias da *Filosofia da Natureza* de Hegel, como chave de leitura possível para uma abordagem daquilo a que denominamos atualmente por Natureza.

Da ingênua compreensão da Natureza a partir de seus elementos macros: terra, ar, água, fogo à descoberta da inexistência do átomo, hoje não só divisível, mas multidivisível, nós nos encontramos em meio a uma Natureza constituída de relações de relações, jogo de forças, implicando na metamorfose do objeto enquanto ‘coisa’ compacta dada aos sentidos, numa compreensão que apresenta o objeto como uma fronteira de padrão discernível e sua conseqüente dissolução das entidades hipostasiadas do sujeito e do objeto. Não é sem razão que se preferiu falar no fim da Metafísica em vez de assumir a árdua tarefa de reconstruí-la, mas se queremos ser sujeitos-partícipes da labuta filosófica ou, o que é o mesmo, afirmamo-nos como homens e mulheres que se ocupam das urgências do seu tempo não podemos deixar de atender a esse desafio,

temos de encarar o negativo de frente, assumir o espírito em sua verdade e suprasumir as determinações ou negações do presente.

Ora, mais precisamente diríamos que a *Filosofia da Natureza* de Hegel é parte de sua Metafísica, posto que esta não pode ser reduzida à *Lógica* e muito menos pode ser apreendida como se seus momentos – (Ciência da) *Lógica*, (Filosofia da) *Natureza* e (Filosofia do) *Espírito* – fossem apenas opostos que se superam numa sucessão não-dialética, deixando cada um atrás de si o cadáver da figura precedente; na verdade, são momentos do movimento imanente do ser na efetivação das determinações que o conduzem à plenitude de Si mesmo no conhecimento Absoluto.

Apenas para recordar lembremos que o próprio Hegel na *Ciência da Lógica* da *Enciclopédia* nos diz que: “A lógica coincide pois com a metafísica, a ciência das coisas apreendidas no pensamento, que passavam por exprimir as essencialidades das coisas. (...) Se considerarmos a *Lógica*, em conseqüência do que foi dito até agora, como o sistema das puras determinações-de-pensamento, então aparecerão, ao contrário, as outras ciências filosóficas – a filosofia da natureza e a filosofia do espírito – por assim dizer como uma lógica aplicada, pois a lógica é sua alma vivificante.” (Hegel, 1995, p.77,78).

Com efeito, não se pode começar de chofre pela *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel, em qualquer de seus volumes, sem passar pelo “*pórtico majestoso*” (expressão usada pelo saudoso Pe. Vaz para designar a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel), ainda que não se tenha a pretensão de suprasumir as determinações ali presentes, mas ao menos para assumir suas categorias, conceitos e elementos num esforço por alcançar o patamar das exigências do saber.

Em certa ocasião enfatizamos que se sobre a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel, Bernard Bourgeois pôde dizer com acerto que **lê-la implica em reescrevê-la**, o que constitui um desafio e tanto, da *Fenomenologia do Espírito* se pode dizer que **lê-la implica em refazer internamente o seu percurso, assumindo para si a vivência da experiência que nela faz a consciência**, o que constitui um desafio ainda maior. Mas, sem isso não se chega a estar pronto para a Ciência.

Na verdade, é imprescindível a presença da *Fenomenologia do Espírito* numa reflexão sobre a *Natureza*, pois nela se encontra a chave de leitura da especulação hegeliana que conduz à necessidade de uma nova compreensão da *Physis*.

É de nosso conhecimento que, de um modo geral, mesmo o “conceito preliminar da ‘Ciência da Lógica’ da *Enciclopédia* se faz ele mesmo preceder, em sua função de introdução ao ponto de vista filosófico verdadeiro – o do Saber Absoluto -, pela Fenomenologia do Espírito.” (Bourgeois, *In Hegel*, 1994, p.12). A tese aqui defendida, portanto, nada teria de novo ou original, corresponderia mais adequadamente apenas a uma tentativa de explicitação do ponto de partida da *Filosofia da Natureza* na *Fenomenologia do Espírito*.

Por conseguinte, teremos de nos ocupar, mesmo que brevemente, do III Capítulo da *Fenomenologia* para atender às nossas pretensões, ainda que isso implique encarar o desafio de abordar aquele que é considerado por muitos como o mais difícil entre os capítulos dessa obra nada fácil, mas, de leitura imprescindível para quem quer filosofar na Modernidade, ou mais precisamente, na contemporaneidade.

No movimento interno da obra vemos o *Entendimento* emergir da *Percepção*, mas assinalemos tão somente que “o ponto de vista da percepção é o da consciência comum e, mais ou menos, o das ciências empíricas que elevam o sensível ao universal e mesclam determinações sensíveis com determinações do pensamento sem tomar consciência das contradições que então se manifestam.” (Hegel, *In Hyppolite*, 1974, p.100). Por conseguinte, interessa-nos mais propriamente começar pela supressão da *percepção* no *entendimento*.

Com efeito, para a percepção tudo é uma *coisa*, ou como já assinalado no cartesianismo tudo se reduz – a coisa extensa e a coisa pensante. Mas, na tentativa de ab-rogar as contradições e conservar a identidade da coisa, a percepção mais não faz do que lhe atribuir seguidamente determinações de pensamento, e com isso, o que alcança é um universal que terá em si a diferença em vez de ser condicionado por ela; a consequência é a necessidade da percepção ir além de si mesma ao adentrar-se na coisa e apreender seu objeto como a força, a lei, a necessidade da lei, o conceito, mas então a *Percepção* é já *Entendimento*.

Ora, se para a *Percepção* tudo era uma coisa, o *Entendimento* se eleva da coisa à causa, ou da coisa à força, considera seu objeto como totalidade dialética da unidade e da multiplicidade, mas ao examinar melhor entende que se trata bem mais de um jogo de forças “de polaridades opostas que, aliás, constata não passar de um fenômeno, através do qual descortina o supra-sensível ou o Interior das coisas.” (Meneses, 1985,

p.44).

Não obstante, a força é somente o conceito, o pensamento do mundo sensível que se manifesta na consciência como o mais além desse mundo, o supra-sensível, e que se transfigura no interior desse mundo num sistema de leis. Tais leis apreendidas na experiência, no entanto, estão para além do fenômeno e, contudo, constituem a sua íntima sustentação.

Com efeito, “a consciência experimenta a contingência das leis da Natureza: buscando sua necessidade regressa desde o mundo a si mesma. Primeiramente sua explicação das leis é tautológica, não vê nelas mais que uma necessidade analítica, porém, quando a necessidade se mostra em seu objeto dita necessidade passa a ser sintética. Mundo sensível e mundo supra-sensível, fenômeno e lei, se identificam no conceito verdadeiro, o pensamento do infinito... O infinito ou o conceito absoluto é a relação que se fez viva, a vida universal do absoluto que permanece em seu outro, concilia a identidade analítica e a sintética, o uno e o múltiplo. Nesse momento a consciência do outro se converte em consciência-de-si no outro, no pensamento de uma diferença que já não é diferença. A consciência se alcança a si mesma em seu objeto, é certeza de si, consciência-de-si em sua verdade.” (Hyppolite, 1974, p.116).

Destarte, não é outra a razão pela qual Hegel afirma na *Fenomenologia*, referindo-se ao processo de construção do conhecimento: *por trás da assim chamada cortina, que deve cobrir o interior, nada há para ver; a não ser que nós entremos lá dentro – tanto para ver como para que haja algo ali atrás que possa ser visto.* (Hegel, 1992, p.118). Esse o ponto, à medida que levemos a sério as contribuições da ciência atual seremos cada vez mais impelidos a admitir que quanto mais penetrarmos compreensivamente na realidade, e aí tanto faz se no domínio micro ou macro-cósmico, alcançaremos sempre um momento no qual a ‘matéria’ do nosso conhecimento é tão somente o conhecimento mesmo ou o conceito; afinal, o que é para nós um ‘buraco branco’? É ainda palpável uma unidade de matéria oriunda da divisão de um Quark? De que falamos nesses domínios, senão de elementos conceituais oriundos de um conhecimento que em todo caso é ainda e sempre construto nosso?

Com efeito, desde essa perspectiva, pode-se dizer que a *Filosofia da Natureza* em Hegel transfigura-se em uma Metafísica da Natureza e constitui o momento da prova cosmológica da existência de Deus, não no sentido de prova *como fundamento*

*objetivo de Deus*, mas no sentido da *elevação do espírito finito a Deus*, pois na Filosofia da Natureza o Conceito enquanto *logos* (λογος) se traduz na espiritualização da ordem, daí porque a Natureza não é domínio do *kháos* (κῆδος), mas do *kósmos* (κόσμος).

Hegel se pergunta inicialmente: Que é a natureza? E expressa desde logo sua posição frente a esta questão: *Encontramos a natureza como um enigma e problema diante de nós, ante o qual tanto nos sentimos impelidos a resolvê-lo, como dele repelidos; atraídos: o espírito se pressente lá dentro; repelidos: por um estranho no qual o espírito não se encontra.* (Hegel, 1992, p.14).

Na *Filosofia da Natureza*, portanto, o logos experimenta estranheza e si-mesmidade, nesse conhecimento do outro não descobrirá senão a si mesmo, melhor, somente esse percurso do conhecimento que lhe põe fora de si num outro cuja determinação é uma diferença em seu interior, permitirá ao *Logos* alcançar a verdade de si mesmo.

Assegurando, em todo caso, que a sua *Filosofia da Natureza* não se dissocia das condições empíricas, Hegel, enfatiza: “Principiamos observando, reunimos conhecimento sobre as múltiplas e variadas configurações e leis da natureza; tal processo por si mesmo se prolonga em detalhes sem fim para fora, para cima, para baixo, para dentro; e, justamente, porque não se antevê um fim, tal processo não nos satisfaz.” Assim, Hegel, ressalta a importância e, simultaneamente, aponta a insuficiência das ciências empíricas em atender às exigências de um saber conceitual que se quer expressão do ser do objeto de conhecimento. Insiste Hegel: “Que é a natureza? Ela permanece um problema. Enquanto vemos seus processos e transformações, desejamos compreender sua essência simples, obrigar este Proteu a depor suas transformações e a mostrar-se-nos e a se declarar, de modo que ele não somente nos apresente múltiplas e sempre novas formas, mas de maneira mais simples, na expressão da linguagem, nos traga à consciência o que ele é.” (Hegel, 1995b, p. 14).

Esse o ponto ao qual se deve estar atento: a natureza, nessa construção conceitual que é a *Filosofia da Natureza* hegeliana, não é um outro posto na exterioridade, tampouco numa diferença indiferente, mas enquanto outro de si mesmo do *Logos* é o próprio *Logos* no seu ser outro, numa determinação somente possível pela condição dele diferenciar-se em si mesmo, ou seja, apresentar uma diferença no interior de si mesmo.

E, contudo, não se trata de um jogo tautológico do *Logos* consigo mesmo na elaboração da Idéia, “pois“, citamos Hegel, “devemos apreender a própria Idéia como concreta e assim conhecer e depois resumir suas diversas determinações; para daí obter a idéia, nós necessitamos percorrer uma série de determinações por meio das quais enfim a idéia se faz [vem-a-ser] para nós.” (Hegel, 1995b, p.15). Por conseguinte, à construção do conceito, na *Filosofia da Natureza*, há de concorrer não só a coisa mesma, mas também o saber produzido pelos outros *modos de considerar a natureza*.

Com efeito, não se trata de que a razão expanda seus domínios sobre a natureza e o espírito finito, mas de que estes são, na realização da verdade que lhes é própria, a idéia mesma nas determinações de sua particularidade efetiva.

Ora, esta compreensão conduz Hegel a dividir sua filosofia da natureza do seguinte modo:

“A idéia, como natureza, é:

- I. na determinação do fora-um-do-outro, da infinita *singularização*, fora da qual está a unidade da forma, está aí como um *ideal*, só em si essente e portanto só *procurada*, a *matéria* e seu sistema ideal – [a] *mecânica*;
- II. na determinação da *particularidade*, de modo que é posta a realidade como determinidade imanente de forma e com a diferença nela existente, uma relação de reflexão, cujo ser-em-si é a *individualidade natural* – [a] *física*;
- III. na determinação da *subjetividade*, na qual as reais diferenças da forma são do mesmo modo reduzidas à unidade *ideal*, que a si mesma [tem] achado e para si é – [a] *orgânica*.” (Id, p.39).

Com efeito, inicialmente a natureza apresenta a matéria em sua finitude como uma determinação *ideal* da Realidade Absoluta que assim se determina na imediatez das relações ideais da mecânica. Ora, a própria determinação da finitude implica sua manifestação como particularidade, cujo desenvolvimento conduz à *relação de reflexão*, na qual a diferença imanente devém na unidade da forma a *individualidade natural* que em sua suprassunção alcança a determinação da *subjetividade* e torna efetiva a *unidade ideal* – a nova figura do orgânico se revela como a verdade do ser-em-si ou o ponto em que culmina o processo da *singularização* da matéria.

Compreendemos que, desse modo, embora na natureza prevaleça como diz o

próprio Hegel, a necessidade e a contingência, o que aqui se afirma é a liberdade do Conceito, à medida que todo o processo surge e se desenvolve a partir de uma necessidade interna do Conceito; a *direção* ou a ‘irradiação’ na multiplicidade de direções que constitui o processo não configura uma dispersão aleatória e contingente, mas é, antes, expressão da multiplicidade de determinações a serem efetivadas nas figuras e degraus de realização do Conceito.

Por isso, Hegel dirá que:

“cada degrau é um reino da natureza próprio, e todos parecem subsistir para si, mas o último [degrau] é a unidade concreta de todos os antecedentes, assim como em geral cada degrau seguinte tem os inferiores em si, mas igualmente também os contrapõe a si como sua natureza inorgânica. *Um* degrau é o poder do outro, e isto é mútuo; aqui está o verdadeiro significado das *potências*.” (Ibid., p.41).

Dissolvida assim a exterioridade da oposição, emerge a imanência no movimento dialético do conhecer que expressa a verdade e manifesta a efetividade do Ser, ou ainda, no que diz respeito às efetividades do Ser é necessário perceber que cada figura somente pode ser apreendida na perspectiva de que *algo é agora momento, mas também lógica e ontologicamente o Todo*.

O Logos é a translucência perpassada pela luz do ser que ilumina a opacidade da natureza, faz com que esse Proteu que ama ocultar-se comunique o seu ser e revele-se como o Ser na sua alteridade. Na Natureza, o Logos encontra sua realidade efetiva, assume a coisidade e se torna objeto efetivo – o Logos é Natureza; o Logos nega-se ou determina-se a si mesmo na Natureza, enquanto outro de si mesmo, ao realizar-se na Natureza cobra dela o seu sentido, busca nela o conhecimento e desvenda o desdobrar-se do conceito de si mesmo nesse seu outro – a Natureza é Logos.

Se o Logos de que se fala é aqui o Absoluto, não se estaria, portanto, incorrendo em panteísmo? Poderíamos opor a essa indagação uma outra, a saber: Como poderia o absoluto ter algo fora de si? A questão efetiva é: Como compreender essa relação estabelecida por Hegel na qual a Natureza é Logos, o Logos é o Absoluto e o Absoluto é Deus sem tomar o seu sistema como um panteísmo?

Com efeito, Hegel não advoga um panteísmo, seu sistema tem base no cristianismo e a Natureza não esgota o ser de Deus, tampouco a Natureza é Deus no sentido em que nós possamos dirigir-nos a ela imaginando estarmos dirigindo-nos a Deus, *Deus é Espírito* e somente enquanto Espírito Absoluto o espírito finito pode a Ele

ter a pretensão de dirigir-se.

Em virtude do que se pode afirmar que a Natureza pela presença divina de seu Criador não é senão Deus mesmo enquanto uma expressão ou manifestação de Deus; no entanto, não se pode recorrer a Ele diretamente nessa sua criação, da mesma maneira que não ocorre a alguém se dirigir a Beethoven ao ouvir a sua bela Nona Sinfonia, como se ali estivesse ele mesmo a ouvi-lo e não uma criação dele para ser ouvida, na qual sem dúvida Beethoven se diz e está, de algum modo, presente. Temos reiteradamente recorrido a essa analogia, pois entendemos que é o modo mais simples e menos distorcido de apresentar no âmbito da representação a relação entre o Espírito Absoluto e o espírito finito, que também pode ser compreendida como a relação entre o Universal Abstrato (o Absoluto) e o seu Universal Concreto (o Singular).

Essa é, para nós, a razão pela qual no Adendo ao § 239, Hegel havia assinalado que: “Na progressão da idéia o começo se mostra como o que é em si, a saber, como o posto e o mediado – e não como o *essente* e o *imediato*. Só para a consciência imediata mesma, a natureza é o inicial e o imediato, e o espírito é o mediado pela natureza. De fato, porém, a natureza é o [que é] posto pelo espírito, e o espírito mesmo é o que faz da natureza sua pressuposição.” (Hegel, 1995a, p.369).

Ora, é preciso acautelar-se e não reduzir essa expressão a um idealismo ingênuo que, ao modo de um mágico que faz surgir coisas da cartola, faça surgir do espírito finito os elementos brutos da natureza; na verdade, assim como a Lógica tem como exigência a filosofia da natureza, pois se a Lógica reivindica para si a ruptura com a abstração vazia e não pretende ser apenas uma ficção da imaginação, tem de ser capaz de *encarar o negativo de frente* realizando-se nas coisas e confirmando-se como verdade do real no conhecimento, assim também o espírito precisa alienar-se na natureza, no seu outro, para só então voltando a si ser verdadeiramente si mesmo.

O Ser determina-se a si mesmo e nisso nega-se a si mesmo como Logos (na *Lógica*) e, como Natureza, pode-se dizer desta oposição que é absoluta, no entanto, cada um é o todo que se opõe a si mesmo; de modo que cada um é em si mesmo o seu oposto e apresenta o outro em seu elemento, em sua determinidade própria, constituindo com seu oposto uma unidade, daí que a diferença já não tem o caráter de exterioridade, mas enquanto diferença no si mesmo é diferença interior, expressão autêntica da verdadeira infinitude. Por conseguinte, o Espírito não é simples síntese, mas reconciliação do Ser

ou Absoluto consigo mesmo.

Com efeito, vale ressaltar que aqui não se trata de uma mera especulação teórica, pois o próprio Hegel afirma que:

“A filosofia da natureza acolhe o material que a física lhe preparou da experiência; [acolhe-o] no ponto até onde a física o trouxe, trata-o de novo sem dar por fundamento a experiência como derradeira verificação; a física deve pois trabalhar de mãos dadas com a filosofia, de modo que esta traduza para o conceito o universal do entendimento a ela transmitido; nisto ela mostra de que modo esse universal brota do conceito como um todo em-si-mesmo necessário [*notwendig*].” (Hegel, 1995b, p.22).

Sendo esse o ponto no qual concordamos com Bloch ao dizer que: “É importante assinalar, que para compreender a filosofia hegeliana da natureza há que se admitir a possibilidade teórica de outra física que a que vai desde Galileu e Newton até Einstein. A física que se vem construindo de uns 300 anos para cá não só abstrai de toda valorização, mas também de toda qualidade. Para ela todo ser é quantitativo e toda vida mecânica. Hegel, ao contrário, pensa como Aristóteles que a qualidade é, em cada caso, uma coisa nova que pressupõe as relações de quantidade, mas não se reduz a elas. (...) Além do mais, Hegel olha a natureza não tanto em seu ser estático, quanto em seu ser dinâmico.” (cit. in Colomer, 1986, p.346).

Aqui, à guisa de conclusão, retomamos o ponto central de nossa tese de que a Filosofia da Natureza de Hegel exige essa outra física apontada por Bloch, e mais ainda que a partir das formulações de Einstein, Planck, Heisenberg e Bohm, para citar apenas alguns e não perder a referência à realidade efetiva, necessitamos repensar os fundamentos da própria física, adotando uma Metafísica de base não-material para a adequada apreensão da *physis* que a ciência do século XX descortinou, mas que inadvertidamente apoiada numa metafísica de base material cobriu esse fenômeno com o véu das concepções previamente adquiridas e não se permitiu dar o salto qualitativo que suas descobertas reclamam.

Sabemos e não é de hoje que *é mais fácil descobrir uma nova verdade do que encontrar os meios de realizá-la*, basta lembrar que as revoluções científicas e filosóficas havidas no século XVII - a partir das quais o homem perdeu tanto o lugar no mundo que presunçosamente atribuía a si mesmo, como perdeu o próprio mundo em que acreditava - ainda permanecem não assimiladas pelo senso comum e até mesmo

muitos da comunidade científica atual estão presos a concepções que não estão compatíveis com a visão-de-mundo implicada num universo infinito e multidimensional, que por isso mesmo não tem um centro.

As bombas que caíram sobre o Japão no final da 2ª guerra mundial deveriam ter sido suficientes para acordar, se não a humanidade, pelo menos os cientistas e filósofos para a necessidade de re-significar a *physis*, não há átomos e mesmo partículas ínfimas são apenas um jogo de relações de forças, tudo é relação e relação de relação e como já nos disse o próprio Hegel até mesmo o *Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se a si mesmo. (Ich ist der Inhalt der Beziehung und das Beziehen selbst* – Hegel, 1990, vol. 3, pp. 137, 138.)

### Referências Bibliográficas:

BOURGEOIS, Bernanrd. *Éternité et Historicité de l'Esprit selon Hegel*. Paris. J. Vrin, 1991.

COLOMER, E. *El Pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. Vol. II - El Idealismo: Fichte, Schelling y Hegel. Barcelona. Editorial Herder, 1986.

DESCARTES, R. *Obra Escolhida*. 3 ed., Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_ *Meditaciones Metafísicas y Otros Textos*. Trad. de E. López y M. Graña. Madrid. Gredos, 1987.

HARTMANN, Nicolai. *A Filosofia do Idealismo Alemão*. 2 ed., Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

HEGEL, G. W. F. - Werke in 20 Bänden. Frankfurt am Main. Suhrkamp, 1990.

\_\_\_\_\_ *Concept Préliminaire de L'Encyclopédie des Sciences Philosophiques – en Abrégé*. Trad. Bernard Bourgeois. Paris. J. Vrin, 1994.

\_\_\_\_\_ *Encyclopédie des Sciences Philosophiques I - La Science de la Logique*, Trad. Bernard Bourgeois. 3 ed. Paris. J. Vrin, 1986.

\_\_\_\_\_ *La Philosophie de l'Esprit de la Realphilosophie*. Trad. Guy Planty-Bonjour. Paris. PUF, 1982.

\_\_\_\_\_ *Philosophy of Nature*, in 3 vols. Trad. M. J. Petry. London. Unwin Brothers Limited, 1970.

\_\_\_\_\_ *Filosofia Real*. Trad. J. M. Ripalda. Madrid. Fondo de Cultura Económica, 1984.

\_\_\_\_\_ *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830). Vol. I e III (= a, c) em Trad. Paulo Meneses, e vol. II (= b) em Trad. De José N. Machado. São Paulo. Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_ *Fenomenologia do Espírito*, in 2 vols. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis. Vozes, 1992.

HEISENBERG, W. *Diálogos sobre la Física Atômica*. Trad. W. Strobel e L. Pelayo. México. Universidad Autónoma de Puebla, 1988.

HYPPOLITE, J. *Logique et Existence*. 3 ed., Paris. PUF, 1991.

\_\_\_\_\_ *Genèse et Structure de la Phénoménologie de l'Esprit Hegel*. Paris. Aubier montaigne, 1974.

MENESES, Paulo. *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo. Edições Loyola, 1985.

\_\_\_\_\_ *Hegel Como Mestre do Pensar*. Texto inédito. 1996.

MENEZES, Djacir. *Hegel e a Filosofia Soviética*. Rio de Janeiro. Zahar, 1959.

MORAES, A. de O. *A Metafísica do Conceito*. Porto Alegre. EDPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_ *A filosofia frente às exigências do mundo atual*. In Revista Symposium Nova Fase. Ano 3, Número Especial. Recife. FASA, 1999.

VAZ, H. C. L. *Esquecimento e Memória do Ser: sobre o futuro da Metafísica*. In Revista Síntese, v. 27, n. 88. São Paulo. Edições Loyola, 2000

*Artigo recebido em maio de 2010*  
*Artigo aceito para publicação em julho de 2010*